

ENTRE A NEUTRALIDADE E A OPRESSÃO: análise crítica da escola contemporânea brasileira

BETWEEN NEUTRALITY AND OPPRESSION: a critical analysis of the brazilian contemporary school

Diogo de Assis Moreira

Mestrando em Educação pela Universidade Estadual de Goiás (2024).

Graduado em Letras - Português/Inglês pela Faculdade Campos Elíseos – SP (2022).

Graduado em Pedagogia-UFG (2021).

Professor de apoio no Colégio Estadual Prof. Salvador Santos, Anápolis-GO.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5316-8507>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7428847778974369>

E-mail: diogomoreira@egresso.ufg.br

Resumo

Este artigo promove uma análise panorâmica, buscando entender as complexas dinâmicas das escolas contemporâneas sob perspectivas históricas e sociológicas. Direcionando o foco para instituições brasileiras, especificamente três escolas em Anápolis, Goiás. A pesquisa observou práticas intraescolares considerando um período marcado por transformações políticas e sociais significativas nos últimos cinco anos. O impulso para esta pesquisa originou-se do fortalecimento da extrema direita no governo, desencadeando tendências autoritárias e antidemocráticas. Alicerçada em pilares conceituais essenciais, a abordagem metodológica adotada foi qualitativa, integrando pesquisa bibliográfica e levantamento de dados. A análise revelou um paradoxo nas escolas contemporâneas: apesar de seu propósito fundamental de educar e socializar, muitas adotam posturas que restringem e reprimem a diversidade. Ao invés de serem espaços seguros e inclusivos, essas instituições refletem atitudes preconceituosas, perpetuando um passado tradicional conservador obsoleto em detrimento da evolução histórica. A conclusão destacou a necessidade de a escola abandonar a suposta neutralidade, tornando-se um agente ativo na construção de uma sociedade justa e inclusiva. Isso implica a promoção do pensamento reflexivo e esclarecido para combater ativamente o preconceito.

Palavras-chave: Educação; escola contemporânea; desafios educacionais; extrema direita; diversidade; inclusão.

Abstract

This article promotes a panoramic analysis, seeking to understand the complex dynamics of contemporary schools from historical and sociological perspectives. Focusing on Brazilian institutions, specifically three schools in Anápolis, Goiás, the research observed intra-school practices considering a period marked by significant political and social transformations in the last five years. The impetus for this research originated from the strengthening of the far right in government, unleashing authoritarian and antidemocratic tendencies. Grounded in essential conceptual pillars, the adopted methodological approach was qualitative, integrating literature review and data collection. The analysis revealed a paradox in contemporary schools: despite their fundamental purpose of educating and socializing, many adopt positions that restrict and suppress diversity. Instead of being safe and inclusive spaces, these institutions reflect prejudiced attitudes, perpetuating an outdated conservative past at the expense of historical

evolution. The conclusion highlighted the need for schools to abandon supposed neutrality, becoming an active agent in building a just and inclusive society. This implies promoting reflective and enlightened thinking to actively combat prejudice.

Keywords: Education; contemporary school; educational challenges; far-right; diversity; inclusion.

1 Introdução

O artigo adota uma abordagem ampla, mas panorâmica, reconhecendo as limitações de espaço e a complexidade intrínseca do tema. Seu propósito é realizar uma análise crítica da escola contemporânea, explorando temas como dinâmica de poder, preconceito, silenciamento e opressão, especialmente à luz do crescimento da extrema direita no Brasil. Para embasar essa pesquisa, são utilizados teóricos como Foucault, Bourdieu, Passeron, Cruz, Kaysel, Coda, Fromm, Stelko-Pereira e Williams, entre outros.

Na sociedade atual, a educação é reconhecida como essencial para a construção de comunidades e a formação integral dos indivíduos, indo além do aspecto cognitivo para abarcar esferas sociais, culturais e políticas. As escolas assumem, assim, a responsabilidade de proporcionar oportunidades de aprendizado a uma diversidade de estudantes, independentemente de suas origens. No entanto, a distância entre a visão idealizada da educação e a realidade das escolas contemporâneas revela um descompasso intrigante.

A metodologia deste estudo é qualitativa, utilizando pesquisa bibliográfica e coleta de dados. As discussões são expostas panoramicamente, buscando uma análise abrangente sob perspectiva histórica e adotando um viés sociológico para examinar aspectos sociais, comportamentais e políticos no ambiente escolar. A pesquisa é fundamentada nos pilares conceituais essenciais para entender as complexas dinâmicas das escolas contemporâneas.

O estudo concentra-se em três escolas em Anápolis, Goiás, selecionadas para representar diferentes realidades. A coleta de dados ocorreu por meio de questionários online em uma das escolas, enquanto as outras duas foram apenas observadas. A análise do contexto histórico abrange um breve recorte dos últimos anos, marcados por mudanças significativas no cenário político e social brasileiro, especialmente influenciadas pelo crescimento da extrema direita.

O epicentro da pesquisa reside na análise do embate entre valores tradicionais e conservadores e as perspectivas inovadoras das novas gerações, explorando como essa tensão reverbera no ambiente escolar. O estudo busca compreender como a escola pode se tornar um

espaço adverso, reproduzindo injustiças sociais que prejudicam certos segmentos da comunidade escolar.

Em conclusão, o artigo destaca a importância da escola em não naturalizar formas de violência, preconceito e estereótipos, mas sim adotar uma postura fundamentada nos princípios democráticos da Constituição Federal de 1988.

2 Contexto histórico

Este capítulo faz uma breve discussão sobre o contexto histórico brasileiro dos últimos anos, destacando o crescimento da extrema direita e seu impacto na educação. A compreensão desse cenário político e social é crucial para entender as dinâmicas educacionais no Brasil. A pesquisa de Cruz, Kaysel e Coda (2015) fornece uma visão inicial deste fenômeno, situando-o tanto no contexto histórico brasileiro quanto no internacional. Nosso objetivo foi criar um panorama desse fenômeno, considerando alguns elementos de interpretação que nos ajudem a compreender suas dimensões.

Nos últimos anos, o Brasil passou por transformações significativas em seu cenário político e social. O crescimento da extrema direita e a ascensão de líderes políticos com agendas conservadoras tiveram um impacto profundo na sociedade brasileira, como ressaltam Cruz, Kaysel e Coda (2015, p. 8): “O passado ditatorial no Brasil é mais recente, e a Nova Direita também. Mas ela está aí e se agita com estridência, para que ninguém disso duvide.” Essas mudanças políticas foram marcadas por uma retórica polarizadora e por políticas que buscavam reverter avanços progressistas em várias áreas, incluindo a educação.

Nesse contexto brasileiro, o crescimento da extrema direita e a ascensão de líderes políticos com abordagens autoritárias e conservadoras refletem um fenômeno global que não é exclusivo do país, como apontam Cruz, Kaysel e Coda (2015). A Nova Direita, ao questionar as conquistas sociais alcançadas anteriormente, representa uma ameaça para os avanços progressistas conquistados ao longo dos anos. Esse ressurgimento da direita explícita no Brasil e em outras partes do mundo ocorre em um contexto de dificuldades econômicas, proporcionando oportunidades para essa ideologia prosperar.

No âmbito da sociedade, esses líderes que promovem discursos ditoriais ganharam força devido a um complexo conjunto de fatores. Grupos que defendem ideias ultrapassadas buscam preservar suas visões de mundo e identidades culturais, resistindo às mudanças sociais e políticas. Além disso, memórias vividas por associação indireta desempenham um papel fundamental, conectando indivíduos e grupos a eventos históricos mesmo que não tenham vivenciado pessoalmente esses acontecimentos. Essas memórias compartilhadas

reforçam identidades coletivas e valores, criando uma base para a adesão a discursos extremistas.

O conceito de memória coletiva e/ou compartilhadas, introduzido por Halbwachs, é central para entender esse contexto histórico. As memórias coletivas estão intrinsecamente ligadas ao contexto social, refletindo os marcos sociais que definem valores, necessidades e moral na sociedade. Esses marcos sociais moldam as percepções individuais e coletivas, influenciando a forma como os sujeitos lembram e interpretam eventos históricos.

A ascensão da direita no Brasil desencadeou uma convergência peculiar de grupos sociais, unindo-os em torno de pautas ditatoriais. Essa convergência, habilmente moldada por líderes da extrema direita, forjou uma dualidade associativa entre a esquerda, a corrupção e a crise econômica, especialmente durante a pandemia de COVID-19, por meio de estratégias de comunicação poderosas.

Esse contexto político específico contribui de maneira significativa para o embate entre valores tradicionais e as perspectivas das novas gerações, gerando conflitos e desafios no âmbito educacional. O governo de Jair Bolsonaro, eleito em 2019, representa uma guinada conservadora e autoritária que se manifestou também nas escolas. A pesquisa apresentada explora as interconexões entre esse contexto histórico específico e a dinâmica das escolas contemporâneas, onde valores tradicionais frequentemente se chocam com demandas por igualdade e diversidade, apresentando desafios únicos ao ambiente educacional.

Segundo Cruz, Kaysel e Coda (2015), os tentáculos da direita estendem-se em várias dimensões, desde a intervenção marcante no debate da segurança pública até a presença preeminente nos meios de comunicação e na imprensa, passando pela atuação incisiva na internet e nas redes sociais, além das manifestações de massa recentes, notadamente vinculadas às classes médias tradicionais. Esse cenário complexo culminou na formação de uma nova identidade coletiva, enraizada em memórias compartilhadas e na interseção das dinâmicas políticas contemporâneas.

Essa mudança política teve um impacto profundo na educação pública brasileira, transformando alguns ambientes escolares em um espaço que tenta negar o presente. Através de pessoas, agentes da educação, que compactuam e ganharam força no espaço escolar para promover valores tradicionais e uma visão conservadora da família. Além disso, a nomeação

de autoridades com agendas conservadoras gerou debates sobre a laicidade da educação, inclusive promovendo práticas religiosas nas escolas¹.

Esse fenômeno, que busca impor um passado caracterizado por autoritarismo, opressão, preconceitos estereotipados e modelos de comportamento que favorecem uma visão patriarcal, branca, heteronormativa e economicamente privilegiada, representa um desafio para a educação. Ao analisar essa situação à luz das teorias de Bourdieu e Passeron (2018), observamos que a escola, em vez de refletir os valores inclusivos e progressistas defendidos por muitas gerações mais jovens, está sendo moldada por uma visão retrógrada e conservadora.

Essa tensão profunda entre as ideologias presentes na sociedade e a educação oferecida nas escolas destaca a necessidade urgente de abordar essas questões. É fundamental reconhecer que as fronteiras que separam as gerações não são claramente definidas, não podem deixar de ser ambíguas e, definitivamente, não podem ser ignoradas (Bauman, 2007).

Em resumo, o contexto histórico recente exerceu um impacto profundo e multifacetado no cenário brasileiro, estendendo sua influência não apenas à esfera política, mas também à educação do país. Essa influência se reflete de maneira significativa na prática docente e formação de alunos, que muitas vezes se baseia em pilares de crenças tradicionais, os quais podem ser permeados, quer implicitamente ou explicitamente, por preconceitos, estereótipos e marginalizações.

No contexto histórico brasileiro, infelizmente, observamos que os valores tradicionais enraizados em normas rígidas relacionadas a questões de gênero, orientação sexual, raça e classe social entram em conflito direto com a diversidade e as demandas por igualdade apresentadas pelas novas gerações. Esses conflitos de perspectivas geram tensões e conflitos que, consequentemente, alimentam um ciclo de silenciamento e opressão.

É de suma importância destacar que as ideologias políticas e as práticas educacionais não existem de forma isolada, pelo contrário, estão profundamente interligadas e se influenciam mutuamente. Compreender essas dinâmicas é essencial para uma análise completa do ambiente escolar e das intrincadas relações de poder que permeiam as instituições de ensino no Brasil.

Nesse sentido, o contexto histórico recente e as mudanças políticas no país estabelecem o pano de fundo crucial para as análises subsequentes neste estudo. O impacto

¹ Algumas práticas, como a observada empiricamente na escola, que incluem momentos cívicos com orações, como o “Pai nosso”, realizados até na sala de aula, têm suscitado preocupações sobre a preservação do caráter laico da educação.

dessas transformações se estende para além da política e se insere no tecido da educação pública, moldando as experiências dos estudantes, professores e demais atores envolvidos no sistema educacional.

3 Entre a neutralidade e a opressão: análise crítica da escola contemporânea

Nesta seção, delinearemos a dinâmica das escolas contemporâneas no que diz respeito à diversidade. Nossa propósito é investigar como essas instituições lidam com a complexidade das identidades, da diversidade, culturas e perspectivas que constituem sua comunidade estudantil e o contexto social mais amplo, utilizando lentes interpretativas e recursos metodológicos apropriados.

As dinâmicas e a apresentação crítica da temática tomam como exemplo três escolas analisadas. Contudo, é importante salientar que essas escolas podem exemplificar uma situação que remete à realidade de outras escolas no Brasil, sem abranger todas. Ressaltamos que cada escola, seja estadual, municipal ou de bairro, é única, configurando-se conforme as crenças e valores dos recursos humanos que a compõem.

Também é crucial destacar que a configuração do espaço escolar não pode ser simplificada como um ambiente de liberação ou submissão. A escola, enquanto espaço social e político, onde as culturas convergem ou colidem, requer uma abordagem mais refinada. É responsabilidade da escola buscar um equilíbrio racionalizado na promoção do respeito à diversidade, como apontado por bell hooks (2017), que destaca a importância da equidade e do respeito na educação, especialmente em relação às questões de gênero, raça e classe.

Este capítulo nos conduzirá por uma análise panorâmica, revelando que, ao invés de celebrar a diversidade, as escolas muitas vezes se transformam em locais onde prevalecem o silêncio e a opressão. Esse fenômeno configura o ambiente escolar como um lugar que tenta negar o presente, impondo um passado caracterizado por autoritarismo, opressão, preconceitos estereotipados e modelos de comportamento que favorecem uma visão patriarcal, branca, heteronormativa e economicamente privilegiada.

Dentro desse contexto, Bourdieu e Passeron (2018) argumentam que, em uma sociedade de classes, as distinções não se limitam apenas ao aspecto econômico, mas também se manifestam no âmbito cultural. As classes dominantes possuem características distintas em seu *modus operandi* cultural que as diferenciam das classes mais baixas. A escola, nesse sentido, atua na seleção dos conhecimentos e valores das classes dominantes como os mais valorizados e dignos de serem seguidos. Essa dinâmica é reproduzida e mantida através do

aparelho ideológico do estado, o qual, além da escola, também inclui instituições como a Igreja e outros aparelhos, como o Exército (Althusser, 1985).

Nossa análise, respaldada em dados empiricamente coletados, expõe uma possível tendência preocupante nas escolas, especialmente durante e pós, como já mencionado, a ascensão da extrema direita que deu voz a algumas práticas em desacordo com a ação educacional. Em vez de promover a inclusão e o respeito às diferenças, essas instituições frequentemente enfrentam a imposição de valores arbitrários, tradicionais e conservadores, seja de maneira velada ou sob o disfarce da neutralidade. É essencial ressaltar que tais imposições não são inerentes à própria instituição escolar, mas, muitas vezes, derivam daqueles encarregados de gerir, coordenar e ensinar — os funcionários.

Os indivíduos que formam os núcleos escolares, como diretores, professores e funcionários, têm uma presença constante na vida dos estudantes, transformando a escola no *locus* principal de interações sociais. Estas interações devem abranger o diálogo, a representatividade dos sujeitos e a construção conjunta que envolve, claro, possibilitar o encontro de narrativas por meio de espaços e momentos de escuta e debate. Isso permite a sensibilização dos envolvidos no processo, no diálogo com suas diferenças na construção do eu e do outro.

Contudo, onde está a falha nesse ambiente que deveria proporcionar tais experiências? O debate sobre inclusão e equidade não é apenas uma tendência ou moda; é uma lei, prevista na Constituição Federal de 1988 e na Lei de Diretrizes e Bases (LDB) (9394/1996), sendo, portanto, um elemento essencial na educação. Entretanto, por que nos últimos anos temos testemunhado a prática contrária à teoria, às leis, às normatizações e aos parâmetros da educação?

Como supracitado no capítulo anterior, o crescimento da extrema direita no cenário político nos últimos anos contribuiu para a perpetuação dessa prática no campo da educação, por meio de políticas públicas e discursos retrógrados que forneceram um “respaldo” para ações que contradizem os princípios de uma educação laica, equitativa e inclusiva. Essa influência afeta diretamente todos os segmentos da sociedade, independentemente de raça, classe social, gênero ou identidade LGBTQIA+.

Além disso, o conflito entre valores tradicionais conservadores e as perspectivas das novas gerações se desenrola no ambiente escolar, tornando-se um palco onde essas duas visões de mundo colidem. A escola é percebida como um espaço de formação e configuração social, refletindo e sendo refletida pela sociedade (Fowler, 1996, p. 25 apud Moreira, 2021, p. 62). Essa ideia é respaldada também, por Boaventura Santos (2012), que afirma que a

educação funciona como um espelho da sociedade, refletindo, em última instância, todos os elementos que a compõem.

Valores conservadores enraizados em normas rígidas sobre gênero, orientação sexual, raça e classe social entram em conflito com a diversidade e as demandas por igualdade das novas gerações, criando tensões e conflitos que alimentam o ciclo de silêncio e opressão. A complexidade desse tema transcende as limitações deste texto e é evidente nas divergências entre as expectativas enraizadas nas gerações mais antigas e as demandas por mudanças e igualdade expressas pelas gerações mais jovens.

Esses valores têm raízes profundas em conceitos como autoritarismo, preconceito, estereótipos e normas sociais associadas a gênero, orientação sexual, raça e classe social marcantes no contexto histórico do país. Um grupo específico enfrenta discriminação de forma mais intensa no ambiente escolar: negros, homossexuais, estudantes com dificuldades econômicas e outras minorias frequentemente sofrem com situações de preconceito e violência, conforme destacado por Stelko Pereira e Williams (2010).

Essa situação de violência simbólica, chamada assim devido à sua natureza intrínseca à interação violenta de dominar e padronizar, é compreendida como um instrumento dinâmico e mutável de dominação, como apontado por Arendt (2016). Ela se manifesta como uma imposição social que molda os valores tradicionais considerados corretos, construídos em um processo histórico marcado pelas relações de poder da história dos “vencedores” contra os marginalizados. Foucault em “Microfísica do Poder” (2017), que explorou as relações de poder, argumentou que as narrativas históricas muitas vezes são moldadas pelos discursos e práticas de poder das elites dominantes. Essas imposições visam à normatização e/ou padronização das ações, opiniões e valores morais, caracterizando uma prática sutil de dominação que muitas vezes passa despercebida pelos sujeitos, que a aceitam sem questionar, e quando questionam são punidos.

Dentro desse contexto, a violência simbólica intraescolar se manifesta através de punições específicas decorrentes de comportamentos que não se enquadram nos padrões previamente estabelecidos pela prática escolar e social. Nesse processo, uma autoridade que Fromm (1983) chamou de “autoridade inibidora” contrasta com a “autoridade racional”. A primeira cria sentimentos de inferioridade, gera ressentimento e, no caso da escola, pode fomentar comportamentos disruptivos, enquanto a segunda promove elementos de respeito e gratidão.

Neste contexto, as punições no ambiente escolar vão além da simples marginalização de expressões individuais, como o uso de brincos e piercings, estendendo-se até a repressão

velada da sexualidade dos alunos, muitas vezes culminando na proibição de discussões sobre esses temas, como identificado na análise realizada². Essas agressões manifestam-se não apenas por meio de palavras ofensivas, mas também por práticas punitivas desrazoáveis, evidenciando uma persistência preocupante tanto por parte de alguns alunos quanto de alguns educadores.

A rigidez dessas punições muitas vezes arbitrárias revela uma preferência por crenças conservadoras impregnadas de preconceito, perpetuando assim a violência simbólica no ambiente escolar. A urgência em examinar a fundo as raízes dessas tradições torna-se evidente, uma vez que estão frequentemente associadas à imposição de normas e à fixação de papéis sociais rígidos, desrespeitando a diversidade existente no espaço escolar.

Essas crenças, como já mencionado, muitas vezes estão enraizadas em um modelo patriarcal que mantém hierarquias e silencia as vozes das minorias, refletindo a socialização das gerações mais antigas. Em contrapartida, as novas gerações adotam geralmente uma perspectiva mais progressista e inclusiva, valorizando a diversidade, a igualdade de gênero, a aceitação da identidade de gênero, a igualdade racial e a justiça social. Essas gerações questionam as normas estabelecidas e buscam ativamente mudanças nas estruturas que perpetuam a desigualdade.

Esse cenário ressalta como diferentes grupos sociais adotam posturas distintas em relação uns aos outros, refletindo a forma como se representam. A construção social da representação está intrinsecamente vinculada à ação e comunicação (Habermas, 2010), possibilitando a compreensão do mundo e a assimilação das dinâmicas que o permeiam. Para compreender nossa identidade, tanto como parte de um grupo quanto como indivíduos, dependemos da interpretação e do reconhecimento que os outros fazem de nós.

Taylor (1994) descreveu essa situação como um “falso reconhecimento”, onde a projeção de uma imagem inferior ou humilhante sobre o outro pode distorcer e oprimir a ponto de fazer com que essa imagem seja internalizada pelo indivíduo. Essa visão destaca que os preconceitos, independentemente de sua natureza, frequentemente refletem insegurança, autoritarismo e uma tendência a classificar de maneira pejorativa tudo o que representa diferença.

Ao reassumir a discussão sobre as tensões entre valores tradicionais e perspectivas progressistas, que se evidenciam tanto nas escolas públicas quanto nas instituições de ensino

² Em um projeto cultural proposto para os alunos exibirem no dia 16/11/2023, um grupo específico do oitavo ano optou por criar uma peça de teatro que abordaria a temática do preconceito contra pessoas que se relacionam com o mesmo gênero. No entanto, a proposta foi vetada pelo(a) educador(a) responsável pelo projeto e pela coordenação, argumentando que a escola não deveria tratar desse tema delicado, pois poderia gerar conflitos com alguns pais, e a instituição deveria manter uma postura neutra.

privadas, torna-se evidente a complexidade intrínseca desse tema que transcende as limitações deste artigo. Essa polarização se manifesta em várias áreas, desde os currículos até as práticas pedagógicas e políticas escolares, frequentemente refletindo os valores tradicionais. Esse cenário cria um ambiente que pode ser interpretado como uma espécie de “cárcere”, onde as vozes das novas gerações confrontam desafios significativos. Como resultado, emergem conflitos e resistências, não apenas por parte dos alunos, mas também por parte dos professores que defendem uma perspectiva mais progressista.

A dinâmica entre valores tradicionais e as diferentes gerações é um dos fatores que contribuem para a tendência das escolas contemporâneas se transformarem em espaços de silêncio e opressão. A resistência à mudança e a manutenção de valores tradicionais podem perpetuar estruturas de poder desiguais, criando barreiras para a criação de ambientes escolares mais inclusivos e igualitários.

Este entendimento é crucial para nossa análise, pois o artigo investiga como as escolas contemporâneas frequentemente desempenham um papel crucial na formação das identidades dos estudantes e da comunidade, baseando-se em estereótipos e preconceitos. Essa influência tem um impacto profundo na dinâmica escolar e, por extensão, na sociedade futura. Isso nos leva a questionar: que tipo de sociedade estamos preparando para o futuro? Que visão de Brasil desejamos promover?

Muitos, orientados pela razão e esclarecimento, almejam uma nação onde a educação transcenda não apenas os aspectos físicos e morais, mas também integre o conhecimento sistematizado com questões transversais que considerem a existência como um todo, abrangendo tanto o plano concreto quanto o simbólico. Urge a necessidade de estabelecer um ambiente educacional que não apenas reconheça e respeite a diversidade, mas que também a questione, evitando relegá-la à margem sob o discurso ilusório da neutralidade.

A inércia por parte da escola nesse aspecto é prejudicial à sociedade; ela deve instigar nos alunos a consciência de sua classe, contexto social, posição política, identidade de gênero, etnia, orientação sexual, responsabilidade ambiental e herança histórica. É essencial que os sujeitos se percebam como seres históricos, ativos e não passivos. Somente assim poderemos contribuir efetivamente para desmantelar as engrenagens da desigualdade e construir uma sociedade verdadeiramente justa e inclusiva.

As sociedades modernas são intrinsecamente diversas, caracterizadas pela coexistência de diversos grupos humanos, classes sociais e identidades culturais que frequentemente interagem e, às vezes, entram em conflito. Estamos imersos em sociedades onde a diversidade é uma constante.

Em última análise, o sucesso em uma sociedade democrática depende da capacidade individual e coletiva de superar medos. Isso ressoa com a análise do artigo sobre como as escolas contemporâneas frequentemente não promovem a aceitação da diversidade, permitindo que preconceitos e práticas opressivas prosperem. Superar esses preconceitos e medos é crucial para alcançar escolas verdadeiramente inclusivas e igualitárias.

4 Metodologia da pesquisa empírica

A metodologia utilizada neste estudo é predominantemente qualitativa, combinando revisão bibliográfica e coleta de dados por meio de questionários. O processo de investigação (2º semestre de 2023) envolveu observação em duas escolas de áreas diferentes e pesquisa mais detalhada em uma escola situada em um bairro periférico de Anápolis, Goiás, afetado por problemas como prostituição e tráfico de drogas, que influenciam o ambiente escolar.

O nome da escola não foi revelado para preservar sua imagem e a privacidade dos alunos e funcionários. A escola estudada oferece diversas modalidades de ensino e atende a um total de 571 alunos, com 57 funcionários. A coleta de dados foi feita por meio de questionários do *Google Forms* adaptados para o estudo, aplicados a 28 alunos e 23 funcionários selecionados aleatoriamente. Durante o processo, foram seguidas rigorosas considerações éticas, informando os participantes sobre o propósito da pesquisa, garantindo confidencialidade e anonimato. Essa metodologia busca compreender as experiências e perspectivas dos alunos e funcionários, contribuindo para a análise das dinâmicas escolares e fornecendo informações valiosas para discussão e análise.

5 Resultados da pesquisa

A análise, respaldada em dados empiricamente coletados, revela uma preocupante tendência nas escolas. Ao invés de fomentar a inclusão e o respeito às diferenças, essas instituições frequentemente deparam-se com a imposição de valores tradicionais e conservadores, seja de maneira velada ou sob o disfarce da neutralidade. Importante ressaltar que tais imposições não são inerentes à instituição escolar em si, mas, muitas vezes, emanam daqueles incumbidos de gerir, coordenar e ensinar, ou seja, os servidores.

A seguir, apresentamos os resultados da pesquisa, acompanhados de observações relevantes:

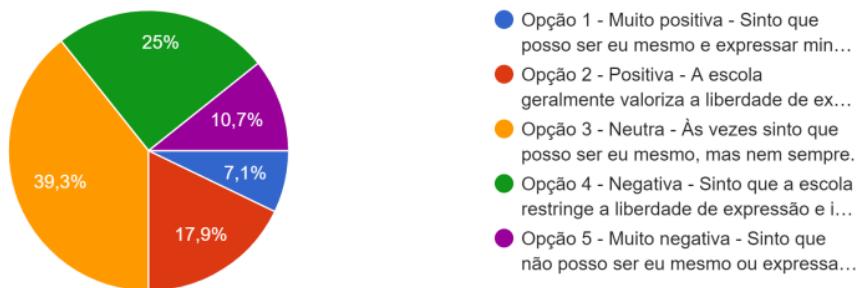
5.1 Principais Resultados do Questionário “A” para Alunos

Ao analisar as respostas dos alunos, observamos as seguintes tendências:

A. Percepção sobre a Atmosfera Escolar:

1) Qual é a sua percepção sobre a atmosfera na escola em relação à liberdade de expressão e individualidade?

28 respostas



Fonte: Levantamento de dados através de questionário (para alunos) no Google *Forms* em uma escola não identificada.

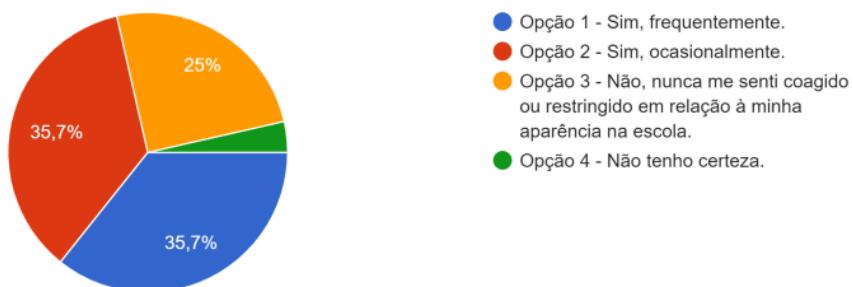
Organizado por: Autor (2023).

- A maioria dos alunos (60,7%) tem entre 13 a 15 anos, seguido por 35,7% entre 16 a 18 anos e 3,6% com 18 anos ou mais.
- Em relação à atmosfera na escola em relação à liberdade de expressão e individualidade, a maioria (39,3%) tem uma percepção neutra, seguida por 25% com uma percepção negativa.

B. Restrições à Aparência Pessoal:

2) Você já se sentiu coagido ou restrinido de alguma forma em relação à sua aparência pessoal (por exemplo, uso de piercings, brincos, vestimenta, etc.) na escola?

28 respostas



Fonte: Levantamento de dados através de questionário (para alunos) no Google *Forms* em uma escola não identificada.

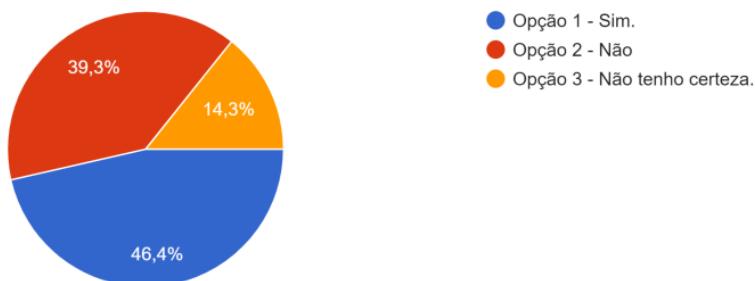
Organizado por: Autor (2023).

- Cerca de 35,7% dos alunos se sentem frequentemente coagidos em relação à sua aparência pessoal, enquanto outros 35,7% sentem isso ocasionalmente.

C. Discriminação ou Preconceito:

4) Houve casos de discriminação ou preconceito com base em raça, gênero, religião ou orientação sexual que você tenha testemunhado ou experimentado na escola?

28 respostas



Fonte: Levantamento de dados através de questionário (para alunos) no Google *Forms* em uma escola não identificada.

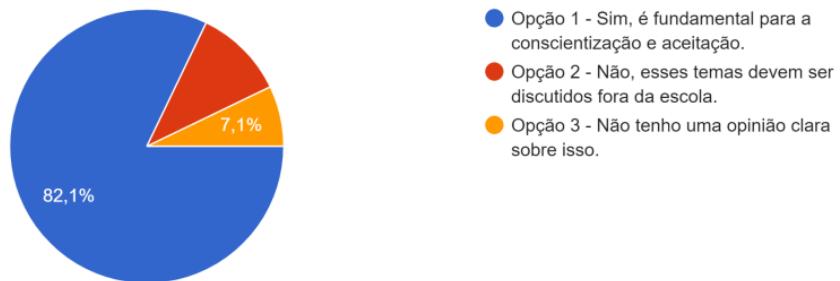
Organizado por: Autor (2023).

- 46,4% dos alunos testemunharam ou experimentaram casos de discriminação ou preconceito na escola, enquanto 39,3% afirmam não ter presenciado ou experimentado tais situações.

D. Abordagem de Temas Sensíveis:

8) Você acredita que a escola deve abordar temas sensíveis como diversidade sexual, racismo e desigualdade social em sala de aula?

28 respostas



Fonte: Levantamento de dados através de questionário (para alunos) no Google *Forms* em uma escola não identificada.

Organizado por: Autor (2023).

- A grande maioria (82,1%) acredita que a escola deve abordar temas sensíveis como diversidade sexual, racismo e desigualdade social em sala de aula.

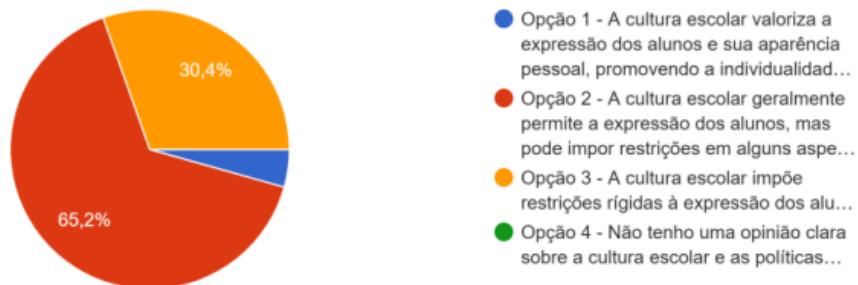
5.2 Principais Resultados do Questionário “B” para funcionários

Ao analisar as respostas dos funcionários, observamos as seguintes tendências:

A. Percepção sobre a Cultura Escolar e Políticas de Disciplina:

1) Qual é a sua percepção sobre a cultura escolar e as políticas de disciplina em relação à expressão dos alunos e à sua aparência pessoal?

23 respostas



Fonte: Levantamento de dados através de questionário (para funcionários) no Google *Forms* em uma escola não identificada.

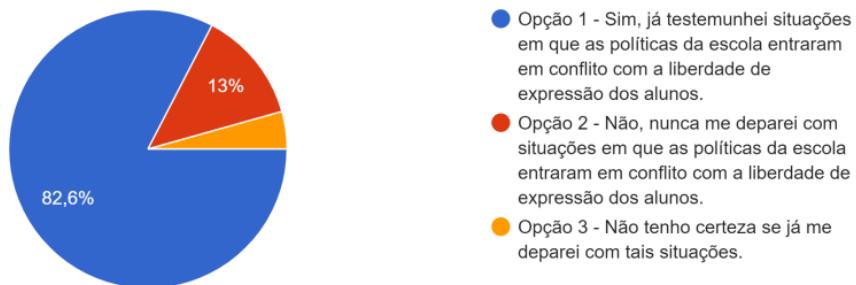
Organizado por: Autor (2023).

Predomina a visão de que a escola geralmente permite a expressão dos alunos, mas pode impor restrições em alguns aspectos da aparência pessoal.

B. Conflitos entre Políticas Escolares e Liberdade de Expressão:

2) Você já se deparou com situações em que as políticas da escola entraram em conflito com a liberdade de expressão dos alunos?

23 respostas



Fonte: Levantamento de dados através de questionário (para funcionários) no Google *Forms* em uma escola não identificada.

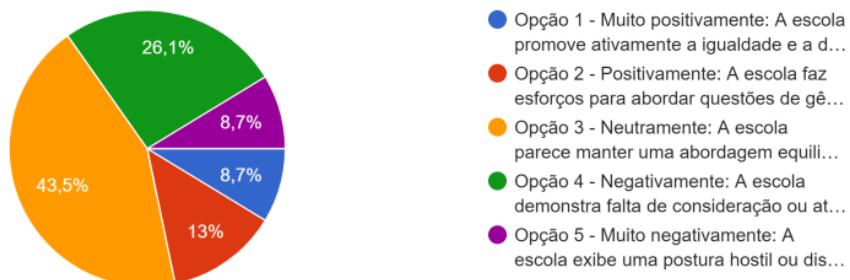
Organizado por: Autor (2023).

A maioria já testemunhou situações em que as políticas da escola entraram em conflito com a liberdade de expressão dos alunos.

C. Abordagem da Escola a Questões de Gênero, Raça, Religião e Orientação Sexual:

3) Como você vê a maneira como a escola lida com questões de gênero, raça, religião e orientação sexual? Há políticas específicas em vigor contidas no PPP da escola?

23 respostas



Fonte: Levantamento de dados através de questionário (para funcionários) no Google *Forms* em uma escola não identificada.

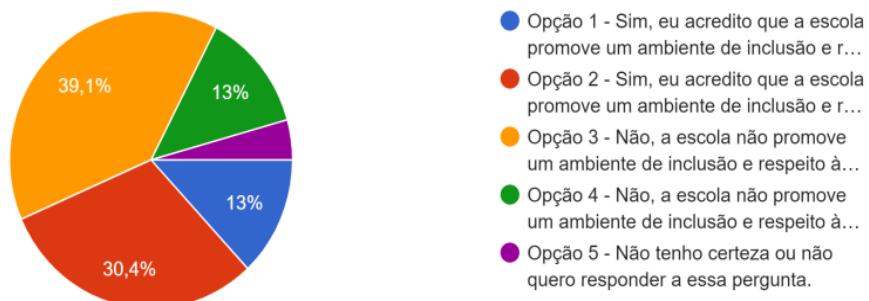
Organizado por: Autor (2023).

A visão neutra sobre como a escola lida com essas questões é predominante, mas uma parte significativa percebe a escola negativamente.

D. Ambiente de Inclusão e Respeito à Diversidade:

4) Você acredita que a escola promove um ambiente de inclusão e respeito à diversidade?

23 respostas



Fonte: Levantamento de dados através de questionário (para funcionários) no Google *Forms* em uma escola não identificada.

Organizado por: Autor (2023).

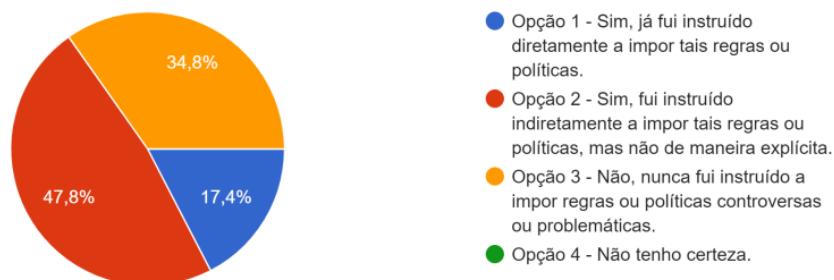
Há uma divisão, com uma parcela expressiva acreditando que a escola não promove um ambiente de inclusão e respeito à diversidade.

E.

F. Instruções para Impor Regras Controversas:

6) Você já foi direta ou indiretamente instruído a impor determinadas regras ou políticas que você acredita serem controversas ou problemáticas?

23 respostas



Fonte: Levantamento de dados através de questionário (para funcionários) no Google *Forms* em uma escola não identificada.

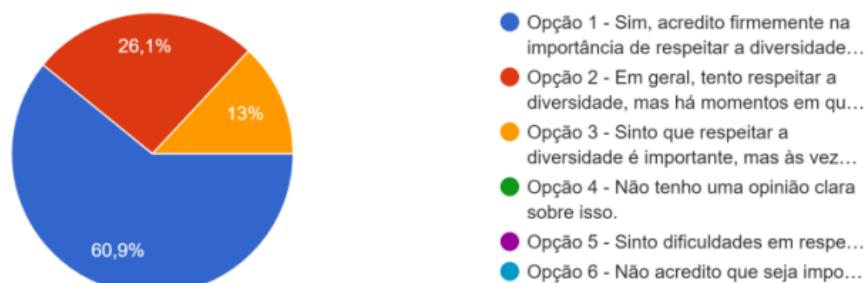
Organizado por: Autor (2023).

Uma porcentagem considerável foi indiretamente instruída a impor regras controversas.

G. Respeito à Diversidade como Servidor da Instituição:

9) Independente da sua formação familiar e crenças, você acredita que, como servidor de uma instituição de ensino público, consegue respeitar a diversidade dentro do espaço escolar?

23 respostas



Fonte: Levantamento de dados através de questionário (para funcionários) no Google *Forms* em uma escola não identificada.

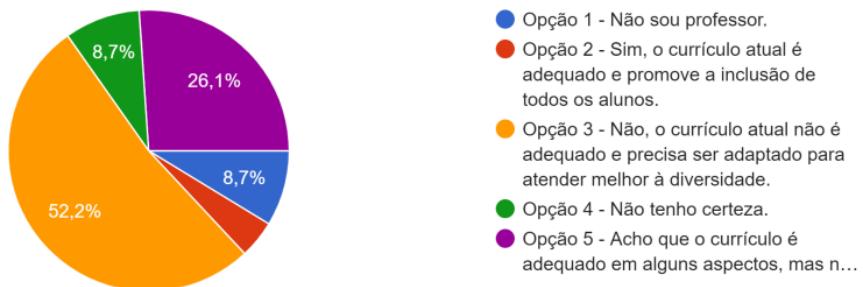
Organizado por: Autor (2023).

A maioria dos participantes expressou um compromisso em respeitar a diversidade no espaço escolar.

H. Avaliação do Currículo para Atender à Diversidade:

- 11) Como educador(a), você considera que o currículo atualmente em uso é adequado para atender a essa diversidade?

23 respostas



Fonte: Levantamento de dados através de questionário (para funcionários) no Google *Forms* em uma escola não identificada.

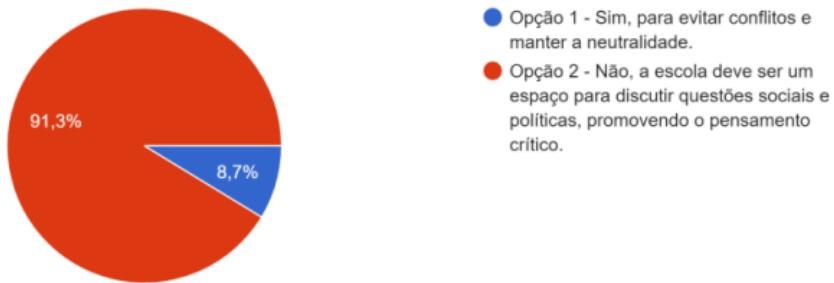
Organizado por: Autor (2023).

A maioria acredita que o currículo atual não é adequado para atender melhor à diversidade.

I. Neutralidade em Questões Políticas e Sociais:

- 16) Você acredita que a escola deve adotar uma postura neutra em relação a questões políticas e sociais?

23 respostas



Fonte: Levantamento de dados através de questionário (para funcionários) no Google *Forms* em uma escola não identificada.

Organizado por: Autor (2023).

A grande maioria discorda da postura neutra da escola em relação a questões políticas e sociais.

Esses resultados preliminares indicam áreas de preocupação que merecem uma análise mais aprofundada, destacando a necessidade de intervenções que promovam um ambiente escolar mais inclusivo, respeitoso e aberto à diversidade.

6 DISCUSSÃO E ANÁLISE

A interpretação dos resultados desta pesquisa à luz das teorias discutidas revela complexidades profundas na dinâmica escolar contemporânea. A coexistência de valores tradicionais, perspectivas progressistas e a questão da diversidade na escola emergem como forças motrizes por trás das tendências identificadas nos dados.

A polarização entre valores tradicionais e progressistas, delineada nas teorias abordadas, reflete-se nas respostas dos alunos e funcionários. A percepção divergente sobre a atmosfera escolar, a abordagem à livre expressão e a experiência de discriminação destacam a tensão palpável entre diferentes visões de mundo no ambiente educacional.

A análise prévia sobre a influência da escola na formação das identidades dos alunos está conectada aos resultados obtidos. Situações em que os alunos se sentem coagidos em relação à sua aparência pessoal são prevalentes, contribuindo para uma visão distorcida em relação às pessoas que optam por brincos, piercings ou tatuagens.

Nesse contexto, é essencial que a escola redirecione seu foco para questões mais abrangentes do que a mera aparência, considerando a orientação sexual e identidade de gênero dos alunos como prioritárias. O compromisso da escola deve ser direcionado à formação de sujeitos autônomos, criativos e críticos, para além de estigmas superficiais.

Além disso, a prática da oração do “Pai Nosso” em instituições não religiosas viola a Constituição Federal de 1988, evidenciando a necessidade de revisão das políticas e práticas escolares para assegurar um ambiente inclusivo e respeitoso.

Os dados também destacam a importância de abordar temas sensíveis em sala de aula, conforme desejado pela maioria dos alunos, indicando uma lacuna entre expectativas e abordagem real da escola.

A análise dos resultados do questionário para funcionários complementa a compreensão das dinâmicas institucionais, revelando conflitos percebidos entre políticas escolares e liberdade de expressão, bem como divergências na abordagem de questões sensíveis.

Em última análise, os resultados preliminares desta pesquisa apontam para a necessidade de reformas substanciais nas políticas escolares, formação docente e promoção de uma cultura inclusiva, equitativa e respeitosa, visando a formação de cidadãos conscientes e comprometidos com uma sociedade justa.

7 Conclusão

Este estudo proporcionou uma análise panorâmica, porém, aprofundada das dinâmicas educacionais, especialmente no contexto da ascensão da extrema direita e suas implicações na formação de identidades nas escolas. Identificamos que o cenário político brasileiro recente exerceu um impacto multifacetado na sociedade e na educação, gerando tensões e conflitos nas escolas. A influência da extrema direita nas políticas públicas se manifestou nas instituições educacionais, transformando alguns ambientes em espaços de conflito entre valores tradicionais e progressistas, desafiando a prática docente e questionando a laicidade da educação.

A convergência em torno de pautas autoritárias contribuiu para um crescimento de um ambiente polarizado na educação, apresentando desafios únicos, como a imposição de um passado autoritário e a resistência a avanços progressistas. A análise revelou que muitas escolas, ao invés de celebrar a diversidade, tornam-se espaços de silêncio e opressão, representando um desafio para a construção de um ambiente inclusivo. Sugere-se a continuidade da pesquisa para aprofundar a compreensão das práticas educacionais e investigar estratégias eficazes para promover uma educação inclusiva e equitativa no contexto brasileiro, preparando as futuras gerações para os desafios de uma sociedade diversa.

8 Referências

- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado**: Notas sobre a teoria marxista do Estado. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. 10^a ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016.
- BAUMAN, Zygmunt. (2007). **Identidade**: Entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Zahar.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean Claude. **A Reprodução**: Elementos para uma Teoria do Sistema de Ensino. Petrópolis: Vozes, 2018.
- CRUZ, Sebastião Velasco, KAYSEL, André, CODAS, Gustavo. (organizadores). **Direita, volver!** : o retorno da direita e o ciclo político brasileiro – São Paulo : Editora Fundação Perseu Abramo, 2015.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: Nascimento da Prisão. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 28^a ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2017.
- FROMM, Erich. **Medo à Liberdade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Editora Vértice, 1990.
- HABERMAS, Jürgen. **Consciência moral e agir comunicativo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.

HOOKS, bell. **Ensinando para Transgredir: A Educação como Prática da Liberdade.** São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

MOREIRA, Diogo de Assis. **Escola Pública como Patrimônio Imaterial** [manuscrito] /Diogo de Assis Moreira. - 2021.

SANTOS, B. de S. (Org.). **Conhecimento prudente para uma vida decente:** Um discurso sobre as ciências revisitado. São Paulo: Cortez, 2004.

STELKO-PEREIRA, Ana Carina e WILLIAMS, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque.
Reflexões sobre o conceito de violência escolar e a busca por uma definição abrangente. Temas psicol. 2010, vol.18, n.1, pp. 45-55

TAYLOR, Charles. **A Ética da Autenticidade.** São Paulo: Loyola, 1994